

# Bruno Tolentino – O que eu por fim lhe disse:

– As voragens da carne  
conheço-as muito bem  
e as confusões do coração também,  
mas não posso enganar-me:  
se me ficaram os meios  
já não tenho os motivos.

Tens dois olhos ativos,  
mas duros, muito duros porque cheios  
de coisas mortas, dessa inútil carga  
que te legou aquela noite amarga  
em que uma vida jovem foi perdida.

Admito que existe  
esse instante suspenso  
entre o nada e o que foi aquela vida,  
mas olha-o: é a escuridão que o traz, que insiste  
em não soltar as folhas  
que o vento sacudiu e não levou  
aquele dia,  
mas uma tarde qualquer afinal levaria.

No entanto, quando olhas  
agora uma vez mais a luz pintar  
os muros desta cela, esta luz fria,  
rápida como o voo  
de uma gaivota branca como o lenço  
que um dia fez Desdêmona chorar,  
em teu olhar  
há como um fim de pesadelo, intenso,  
eu sei, mas de que um dia,  
um dia, quase manso  
como o falcão viúvo e o último ganso,

tu também, meu irmão, vais acordar.

**Bruno Tolentino, A balada do cárcere**